

VOLUME 7

COLEÇÃO TELEDRAMATURGIA

Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19

org. Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Lourdes Ana Pereira Silva

Ana Paula Goulart Ribeiro
Cecília Almeida Rodrigues Lima
Daiana Sigiliano
Dario Mesquita
Gabriela Borges
Igor Sacramento
João Massarolo
Laura Wottrich
Lírian Sifuentes
Lourdes Ana Pereira Silva
Maria Amélia Paiva Abrão
Maria Carmen Jacob de Souza
Maria Ignês Carlos Magno
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Nilda Jacks
Rogério Ferraraz
Sandra Depexe
Tatiana Aneas
Valquíria Michela John
Veneza Ronsini
Yvana Fachine

Volume 7
Coleção Teledramaturgia

Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19

**org. Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Lourdes Ana Pereira Silva**

Ana Paula Goulart Ribeiro
Cecília Almeida Rodrigues Lima
Daiana Sigiliano
Dario Mesquita
Gabriela Borges
Igor Sacramento
João Massarolo
Laura Wottrich
Lírian Sifuentes
Lourdes Ana Pereira Silva
Maria Amélia Paiva Abrão
Maria Carmen Jacob de Souza
Maria Ignês Carlos Magno
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Nilda Jacks
Rogério Ferraraz
Sandra Depexe
Tatiana Aneas
Valquíria Michela John
Veneza Ronsini
Yvana Fechine

© Rede Brasileira de Pesquisadores de Ficção Televisiva (Obitel Brasil), 2021

Capa: cedida pela Globo Universidade

Projeto gráfico e editoração: Mateus Dias Vilela

Preparação de originais e revisão: Isabella Pichiguelli

Editoria de Comunicação e Artes: João Paulo Hergesel

Conselho Editorial de Comunicação e Artes:

Prof.^a Dr.^a Clarice Greco Alves

Prof.^a Dr.^a Fernanda Castilho de Santana

Prof. Dr. Mateus Dias Vilela

Prof.^a Dr.^a Miriam Cristina Carlos Silva

Prof. Dr. Rogério Ferraraz

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19 [livro eletrônico] / org. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Lourdes Ana Pereira Silva. -- Alumínio, SP : CLEA Editorial, 2021. -- (Coleção teledramaturgia ; v. 7)

PDF

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-65-996687-0-8

1. Audiovisual 2. Comunicação de massa 3. COVID-19 - Pandemia 4. Telenovelas - Aspectos sociais - Brasil 5. Televisão - Aspectos sociais 6. Inovação tecnológica I. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. II. Silva, Lourdes Ana Pereira. III. Série.

21-91915

CDD-302.2345

Índice para catálogo sistemático:

1. Televisão : Comunicação : Aspectos sociais: Sociologia 302.2345
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

CLEA Editorial, selo acadêmico da Editora Jogo de Palavras

CNPJ: 15.042.985-0001-95

Rua José Jovino da Silva, 290 - Jardim Olídeo

Alumínio, SP - CEP: 18125-000 - Brasil

editorajogodepalavras@outlook.com

<https://www.jogodepalavras.com/clea>

Dezembro de 2021.

Os trabalhos publicados neste livro foram submetidos à revisão por pares.

As figuras e menções a obras e autores, bem como os trechos replicados neste livro respeitam o artigo 46, do Capítulo IV, da legislação sobre direitos autorais (Lei n.º 9.610, de 19 de fevereiro de 1998): "Não constitui ofensa aos direitos autorais: [...] a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra".

Laços de Família 20 anos depois: apropriações da audiência em tempos de pandemia

Lírian Sifuentes (coord.)
Laura Wottrich, Nilda Jacks (vice-coord.)

Daniel Pedroso
Denise Avancini Alves
Erika Oikawa
Fabiane Sgorla
Guilherme Libardi
Joselaine Caroline
Sara Feitosa
Vanessa Scalei

Introdução

Matrizes culturais e históricas perpassam a apropriação das audiências e por isso são importantes para a compreensão de sua experiência com os produtos midiáticos. No caso das reprises, constitui-se uma situação peculiar, pois produtos construídos em uma conjuntura específica são reapresentados às audiências anos, por vezes, décadas depois, como é o caso da telenovela objeto deste estudo, *Laços de Família* (2000).

Embora a exibição de reprises não seja um fenômeno novo na produção televisiva nacional, atravessando a própria consolidação do meio, adquire matizes específicos no cenário atual. No contexto da pandemia de Covid-19, os índices de audiência das reapresentações das novelas, nos diversos horários de transmissão da Rede

Globo, cresceram significativamente. *Vale a Pena Ver de Novo*¹ tem registrado excelente desempenho desde março de 2020 (EM, 2020), quando a pandemia teve início no Brasil. Sobre esse fato, Amauri Soares, diretor da TV Globo, declarou: “É verdade que, por causa da quarentena, tem mais gente em casa. Mas essas pessoas a mais também escolheram ver nossas novelas. O que mostra que nossas escolhas foram acertadas. A telenovela é um hábito, uma tradição, uma paixão dos brasileiros” (EM, 2020).

A reprise de *Laços de Família* teve a melhor audiência entre as novelas de Manoel Carlos reexibidas nessa faixa horária, sendo que as últimas duas semanas bateram recordes (LAÇOS, 2021). Veiculada originalmente entre 05/06/2000 e 02/02/2001, com 209 capítulos, foi reprisada entre 07/09/2020 e 02/04/2021, com 149 capítulos, além de ser disponibilizada na plataforma Globoplay.

A reprise gerou questionamentos sobre o tratamento de alguns temas e sua possível recepção pelo público. Antes do início da reexibição, Valmir Moratelli comentou que, embora as personagens de Manoel Carlos sejam constituídas a partir do cotidiano, o autor, à época, criou alguns personagens datados, como homens machistas, além de retratar um país longe do real: “A geração atual, muito alinhada com as redes sociais, não compreende certas narrativas como possíveis de serem vistas sem discussão. Será interessante notar como o público vai se comportar diante de questões que, naquela época, não eram debatidas” (REPRISES, 2020). Na mesma matéria, o pesquisador Lucas Martins Nêia diz que: “Essas narrativas mais antigas estão com um olhar mais crítico da sociedade, o que é importante. Porém, há uma parcela da sociedade que está mais conservadora, e temas como alcoolismo e homossexualidade foram tratados de forma progressista nessas tramas” (REPRISES, 2020).

De fato, no desenrolar dos capítulos, a reprise evidenciou certo estranhamento da audiência frente ao retrato de um cotidiano pretérito (FARAD, 2020). Consideradas as transformações sociais, culturais e políticas que ocorreram nesse período, a pesquisa tratou das apropriações de suas temáticas pelos receptores no contexto atual, compreendendo que essas também se relacionam, em maior ou menor medida, às estratégias da produção para engajar as audiências. Pergunta-se: Qual a apropriação dos receptores sobre temas representados 20 anos atrás? O objetivo é analisar as leituras dos receptores, tanto novos quanto antigos

1 Desde 2014, *Vale a Pena Ver de Novo* é transmitido depois de *Sessão da Tarde*, após as 16h, e antes de *Malhação*.

telespectadores, frente à reexibição de *Laços de Família*, por meio de entrevistas e da coleta de material postado em redes sociais. Também buscamos conhecer possíveis mudanças nos hábitos de assistir telenovela durante a pandemia.

Para mapear as temáticas tratadas pela trama e cotejá-las com as prováveis transformações de percepção da audiência, identificamos os assuntos levantados na telenovela e os angulamos com a publicação “Agenda Brasileira. Temas de uma sociedade em mudança” (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011). Mapeamos os seguintes tópicos: relações de gênero e sexualidade; maternidade; etarismo; racismo; e relações de classe. Os principais assuntos explorados compõem o que Botelho e Schwarcz (2011, p. 13) denominam como “marcadores sociais das diferenças”.

Por sua vez, para a análise das apropriações da audiência, foram realizados dois movimentos: observação da circulação dos temas pela audiência no *Twitter*, *Instagram* e *YouTube*, em uma perspectiva mais quantitativa, e realização de entrevistas em profundidade com receptores, em uma abordagem mais qualitativa.

1 Reprises de telenovela: o apelo nostálgico

Reprises de telenovelas ganharam novos contornos com a pandemia, quando se tornaram alternativa para a manutenção das grades televisivas a partir da interrupção das gravações em março de 2020. Se foram necessárias para preencher o espaço deixado no horário nobre, até então eram utilizadas na programação vespertina com relativo sucesso, devido ao apelo nostálgico e à memória afetiva.

A exibição de reprises é frequente na televisão, uma vez que demanda baixo custo e pode render bons índices de audiência. A popularização dessa prática no Brasil remonta à década de 1960, com a chegada do videoteipe, que permitiu a gravação dos programas. Tal estratégia pode ser vista tanto como um modo para atrair a audiência, quanto como uma forma que a própria TV tem para se recordar ou falar sobre si mesma (ALVES, 2016). Uma das primeiras reprises de telenovelas foi levada ao ar pela TV Rio, em 1966, com a reapresentação dos capítulos iniciais de *A noiva do passado*. Como constatou Silva (2018, p. 18), a emissora carioca justificou que “trata-se do pedido de ‘milhares’ de telespectadores por ‘cartas, bilhetes, cartões, telegramas, telefonemas”.

Em 1969, a Rede Globo criou a faixa *Romance da Tarde* para reapresentar novelas antigas que obtiveram boa audiência. A partir de 1976, essa sessão foi fixada às 13h30min, após o Jornal Hoje. Quatro anos depois, a emissora resolveu adotar outro nome e, em 5 de maio de 1980, estreou o *Vale a pena ver de novo*. A novela escolhida para reprise foi *Dona Xepa*, exibida originalmente em 1977. Da década de 1970 até 2021, já foram levadas ao ar 102 telenovelas no horário vespertino da Globo². Além das reprises, outro tipo de produção são os *remakes*. Na Globo, segundo o site Memória Globo (2021), foram 16 até 2021.

Além da segurança de gerar empatia, as reprises e os *remakes* de telenovelas ativam a memória afetiva e acabam funcionando como “um dos mais tradicionais dispositivos de memórias da ficção televisiva” (LOPES, 2014, p. 13). Isso porque as tramas revistas levam o telespectador a recuperar sentimentos e emoções de sua própria história e ainda possibilitam uma análise das transformações passadas pela sociedade entre a exibição original da telenovela e a sua reprise. Dessa memória afetiva, nasce a memória coletiva e, quando ambas são ativadas no ato de rever, superam a mera recordação e constituem uma nova compreensão da trama, como discute Lopes (2014) a partir de Ecléa Bosí e Marilena Chauí.

Os bons índices de audiência obtidos pelas reprises têm, entre suas justificativas, as emoções e sensações provocadas por essas memórias social e afetiva, como ficou constatado em trabalho que mapeou práticas de consumo de telenovela no contexto da pandemia (JACKS *et al.*, 2020): as motivações declaradas pelos entrevistados foram “sentimento de nostalgia”, “rever personagens cativantes”, “lembrar como determinado tema foi abordado” e “rever com outros olhos”. A maioria dos entrevistados disse ter mudado total ou parcialmente sua percepção sobre as tramas revistas. Dessa forma, se as novelas podem pautar a agenda pública e servir de arquivo para a memória coletiva, ao serem revistas elas também atuam para gerar novos debates sobre antigas problematizações, como veremos na análise.

2 Agenda brasileira: transformações em curso

A sociedade brasileira experimentou grandes transformações nas últimas décadas, associadas a processos internos e também globais, gerando debates. Botelho e Schwarcz (2011, p. 15)

2 Há também as reprises do canal Viva, pertencente ao Grupo Globo e lançado em 2010. Focado nas rerepresentações de programas antigos da Rede Globo, costuma figurar entre as maiores audiências dos canais pagos brasileiros.

salientam, em obra dedicada a pensar as mudanças da sociedade brasileira, que os temas que estão na agenda contemporânea falam de um “País de extremos, e marcado por ciclos que preveem inclusão, mas igualmente larga e sistemática exclusão social”. Nessa agenda nacional, foram mapeados 48 temas, dos quais tomamos os que eles denominam como marcadores sociais das diferenças, abarcando “questões como desigualdade e diversidade, racismo, gênero, envelhecimento, dentre outros temas que compõem esse subconjunto” (BOTELHO, SCHWARCZ, 2011, p. 13). Eles ressaltam que esses marcadores também tensionam a identidade nacional, mas que seu cerne é a mudança social em vários de seus aspectos, chave para tentar entender os 20 anos que separam a primeira transmissão da telenovela em questão e sua apreensão pela audiência da reprise.

O enfoque desse subconjunto contempla parte dos temas encontrados na análise da telenovela: gênero e sexualidade; etarismo; racismo; relações de classe; maternidade; violência urbana; câncer e doação de órgãos. Os dois últimos não foram agendados no livro, e a violência urbana está contemplada sob a denominação de “sociedade brasileira”.

Tratando do racismo, de desigualdade e diversidade, da velhice e da questão de gênero, os autores concordam que há contradições e ambivalências praticadas no país. No que diz respeito ao racismo, para Schwarcz (2011, p. 436), “não se nega mais que exista o racismo no Brasil, mas ele é sempre um atributo do ‘outro’. Seja da parte de quem preconceitua ou de quem é preconceituado, o difícil é admitir a própria discriminação, e não o ato de discriminar”.

É na esfera privada, também, que Guimarães (2011) localiza a expressão e a construção de diferenças culturais pelos Estados Modernos. Ele está se referindo às estratégias para preservação das igualdades nas democracias ocidentais, que se dão no “plano dos direitos civis, sociais e econômicos, enquanto no plano dos valores relativos à cultura e suas expressões, vige a norma do respeito à diversidade, contrariamente a qualquer tentativa estatal ou de qualquer grupo particular de impor homogeneidade” (GUIMARÃES, 2011, p. 171). Essa ambiguidade faz com que

desigualdade passa[e] a referir-se apenas à quebra da regra da igualdade de tratamento e de oportunidade na esfera pública, enquanto se usa o termo diversidade para se referir à expressão cultural, religiosa, lin-

guística etc. de membros de grupos sociais, especificamente os de minoria política, social ou demográfica (GUIMARÃES, 2011, p. 172).

Quanto ao gênero, Correa (2011, p. 232) afirma que não é propriamente um tema do pensamento social brasileiro: “É antes uma maneira de olhar, um olhar transversal, uma leitura de entrelinhas”. A partir da análise das convenções vigentes, esse tema busca “entender como as diferentes sociedades atribuem características femininas ou masculinas aos seus integrantes – quais são suas contradições, os termos em disputa e, principalmente, as questões implícitas em todas essas atribuições” (ibidem). Dessa forma, assim como o racismo, as questões de gênero e suas relações dependem do contexto, do momento histórico. A autora parte da análise do abolicionismo para abordar esse tema, tanto quanto a maternidade das escravas, assunto que pautava a lei do ventre-livre, mostrando desde essa origem as contradições que cercam os dois temas. Na verdade, os temas tratados aqui estão todos entrelaçados e profundamente vinculados à questão de classe e, segundo os autores, com fortes implicações do sistema escravocrata, origem das dificuldades que o país tem para enfrentar seus problemas sociais.

Por fim, a velhice também não escapa nem das condições de classe, nem das ambiguidades apresentadas nos outros temas, uma vez que é, ao mesmo tempo, um avanço na qualidade de vida dos aposentados e um perigo para o sistema de saúde devido ao aumento da longevidade. Segundo Debert (2011), com a visibilidade que adquiriu, é uma questão pública no país e está, por outro lado, em processo de reprivatização, uma vez que as políticas públicas não encontram saída para a sustentação do sistema, colocando em risco a ascensão social do segmento. Se *Laços de Família* abordou essas temáticas, cabe refletir de que modo elas apareceram, circularam e foram apropriadas anos depois.

3 Narrativa: adequações a novos tempos

Do ponto de vista da narrativa, três pontos centrais merecem destaque em relação a *Laços de Família* e sua reprise: elementos técnico-estéticos relacionados a cinematografia, exibição e edição dos capítulos para a reexibição. No que se refere à planificação, apesar de ser a primeira novela do horário nos anos 2000, mantém os enquadramentos mais fechados, com diálogos mais longos, mantenen-

do-se fiel à planificação característica das telenovelas da TV Globo nos anos de 1990. O diretor Ricardo Waddington apostou em poucos movimentos de câmera para traduzir a sensação de intimidade que foi proposta pelo texto de Manoel Carlos. O plano sequência também foi adotado com objetivo de menor interferência nas cenas.

Ressalta-se o redimensionamento da janela de exibição. Inicialmente, foi exibida no formato SDTV, ou seja, no formato *Standard* digital com 640 X 480 pixels, na proporção 4:3. Na reprise, foi exibida em HDTV, isto é, em alta definição digital, com 1920 X 1080 pixels, na proporção 16:9. O redimensionamento acabou distorcendo o tamanho dos planos, que ficaram ainda mais fechados, e gerando algum ruído na textura e dinâmica das cores.

Já do ponto de vista da adaptação de uma novela para a exibição no horário da tarde, ocorreram alguns cortes e ajustes. Também foi identificada alteração da sequência de algumas cenas. Os cinco capítulos da primeira semana de reprise não apresentaram nenhuma exclusão de cenas da narrativa – as cenas excluídas foram de paisagens do Rio de Janeiro, em plano aberto. Vale destacar que os capítulos de *Vale a pena ver de novo* têm cerca de 40 minutos, enquanto os da versão original têm cerca de uma hora. Assim, a primeira semana de reprise apresentou dois capítulos e meio da telenovela de 2000, e não cinco.

No desenrolar da trama, foi possível observar cortes de cenas que não alteraram o fluxo da narrativa. As principais exceções se referem ao personagem Pedro (José Mayer), um dos mais comentados durante a reprise por seu machismo. A cena a seguir foi exibida na versão de 2000: Íris (Deborah Secco) aparece maquiada e vestida para sair na sala em que Pedro está lendo. Ele fica incomodado com sua aparência “provocante” e manda ela tirar aquela roupa e ir para o quarto. A garota diz que ele não manda nela. Ambos batem boca e Íris diz que vai sair com Fábio (Max Fercondini), o garoto que está apaixonado por ela. Pedro coloca Íris no ombro e carrega ela até a pia da cozinha, onde pede ajuda a Socorro (Monica Siedler) para “desmontar” Íris. Logo após, ele tira a maquiagem da garota com um pano, argumentando que maquiagem é coisa de mulher e não de menina. Íris se desvencilha de Pedro, que agarra a garota pelos cabelos e a leva até o banheiro. Lá, coloca a garota embaixo do chuveiro enquanto discutem. Após mandar Íris colocar uma camisola e dormir, Pedro sai; a garota vai atrás dele e bate em suas costas. Pedro segura Íris pelos braços, senta-se na cama, a coloca de bruços e bate 31 vezes em suas nádegas. Após, agarra Íris pelos cabelos e

diz que se ela quiser ficar no haras, vai ser do jeito dele. Íris diz que odeia Pedro. Pedro se levanta da cama, empurra Socorro, manda as duas dormirem e sai do quarto. Na reprise em 2020, a cena termina quando Pedro tira a maquiagem de Íris na pia, e retorna para Íris deitada na cama, chorando e falando que Pedro morreu para ela.

Desse modo, as adaptações da versão de 2020 trataram de realizar cortes de cenas que apresentavam sexismo, machismo e racismo, temas sensíveis na atualidade.

4 Redes sociais digitais: percepções compartilhadas

As observações do *Twitter*, *Youtube* e *Instagram*, que embasam a análise a seguir, foram realizadas em três momentos distintos³ para abarcar o percurso da trama, o que permitiu analisar discussões presentes no âmbito da recepção. Na época da exibição da versão original da novela, essas plataformas digitais inexisiam, o que amplifica a potência de reflexões desses espaços como possibilidades de interações com os temas acionados pela novela, além de observar a instituição de novas práticas no contexto de convergência midiática (JENKINS, 2008).

O *Twitter*⁴ manteve-se como a plataforma preferencial dos receptores para tecer comentários sobre a telenovela, provavelmente, por privilegiar a emissão de mensagens curtas e rápidas e pela facilidade para rastrear conteúdos durante o consumo multitela, gerando uma grande conversação em tempo real (JACKS *et al*, 2013). Entre as postagens, destacam-se aquelas que fazem referência às duas décadas transcorridas desde a primeira exibição da trama, seja indicando mudanças na percepção da trama, reafirmando antigas opiniões ou mesmo comentando sobre as transformações na prática de assistência televisiva:

@ChromaticaTo911: Eu estou assistindo Laços de Família como estudo antropológico. É interessante ver como os pontos de vista do Maneco estavam presentes nas construções dos personagem e hoje muitas dessas visões está mais do que superada na sociedade #valeapenaverdenovo #LaçosDeFamilia #vpvdn.

3 Os períodos foram: a semana de estreia, 07-11/09/20 (1ª coleta); meio da novela, 14-18/12/20 (2ª coleta); e a última semana de exibição, 29/03-02/04/21 (3ª coleta).

4 Foram utilizadas para busca as *hashtags* #ValeAPenaVerDeNovo e/ou #LacosDeFamilia, #ManoelCarlos e/ou #Maneco e coletados os 50 primeiros tweets exibidos na aba *Principais*. As postagens foram coletadas utilizando a extensão *Capture Tweet*.

@bru_edlon: Acabou #LacosDeFamilia e notei que tem coisas que é melhor deixar na lembrança, se rever acaba o encanto. A novela é sim boa mas MUITA coisa envelheceu mal nesses 20 anos. Lembrava que tinha adorado na época, agora sei que gostei por ser nova demais pra notar problemáticas.

@Luarajl: Se alguém me dissesse 20 anos atrás, enquanto eu assistia a novela pela primeira vez, que 20 anos depois nós poderíamos falar sobre a novela usando um #, como um telefone na mão, com gente de todo lugar desse Brasil e do mundo, eu não acreditaria #LaçosDeFamília #valeapenaverdenovo.

Como demonstrado em pesquisas anteriores (JACKS *et al.*, 2013, 2015), assistir TV e comentar nas redes sociais já se tornou uma prática consolidada entre os brasileiros, evidenciada ainda mais durante a pandemia, quando as redes sociais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram* tiveram um crescimento mundial de cerca de 40% em março de 2020 (AGRELA, 2020). Segundo pesquisa do Kantar Social TV Ratings (CONTEÚDOS, 2021), mais de 90% dos 363 milhões de tweets gerados em 2020 sobre conteúdos de vídeo trataram de programas da TV aberta, sendo que *Vale a Pena Ver de Novo*⁵ esteve entre os 10 programas que mais se destacaram.

No caso de *Laços de Família*, um dos momentos de destaque nas redes sociais foi o chamado #JudasDay, referente à cena em que Íris escreve “Judas” no espelho de Camila (Carolina Dieckmann), dando início a uma das brigas memoráveis da trama. A hashtag ganhou popularidade após a atriz Deborah Secco incentivar que os fãs postassem fotos de seus espelhos e paredes devidamente escritos com a palavra “Judas”, tornando-se um dos assuntos mais comentados no Twitter brasileiro no dia da exibição da cena, em 08/12/20. A onda de apoio a Íris sinalizou também uma mudança na percepção do público em relação à personagem que, na época da primeira exibição, era criticada por perseguir Camila e, em 2020, foi bastante apoiada pelos internautas, que se sentiram representados pelas críticas que a irmã de Helena (Vera Fischer) fazia a Camila por ter “roubado” o namorado da mãe (DEBORAH, 2020).

As temáticas mais citadas como aquelas que “envelheceram mal” ao longo desses 20 anos foram: o assédio de Danilo (Alexandre Borges) à empregada Ritinha (Juliana Paes), a rotina de trabalho da empregada de Zilda (Thalma de Freitas) e, principalmente, as relações de gênero a partir do comportamento machista de Pedro:

5 Além de *Laços de Família*, em 2020, também foi reprisada *Êta Mundo Bom!*

@ZAMENZA: Evolução da sociedade expõe o péssimo envelhecimento de Pedro em “#LaçosdeFamília”.

@liviacorrea: O jeito que o Pedro fica do lado de fora do banheiro feminino esperando a Cíntia ficar sozinha pra agarrar ela lá dentro, meio escondido, como se fosse pegar ela a força...um personagem desse hoje era o estuprador da novela. #Lacosdefamilia.

Outra situação observada nas postagens da reprise de *Laços de Família* no Twitter foi a referencialidade a outras tramas ficcionais ou a outros produtos midiáticos, ou seja, os “cruzamentos de narrativas produzidos no processo de apropriação dos discursos da produção na recepção” (JACKS *et al.*, 2015, p. 303). Isso pode ser percebido quando os internautas associam as cenas da novela a programas de outras emissoras ou da própria Globo.

No *Youtube*⁶, boa parte dos conteúdos observados referiam-se aos resumos dos capítulos produzidos pelos próprios fãs e outros perfis não oficiais, ou seja, não pertencentes à Rede Globo, ou a trechos de cenas icônicas da trama disponibilizados por esses usuários. Os conteúdos produzidos e disponibilizados no *Youtube*, mesmo que fragmentados, indicam as novas formas de consumo televisivo, não mais dependentes da grade da TV aberta, mas realizadas agora de forma mais flexível, de acordo com o interesse dos consumidores.

No *Instagram*⁷, fora do âmbito da produção e dos perfis da grande mídia, o destaque ficou por conta dos perfis criados por fãs em homenagem aos famosos, como em relação à atriz Giovanna Antonelli e ao autor Manoel Carlos, além de perfis dedicados à própria trama⁸.

5 Leituras dos receptores: novos olhares

Para esta análise, entrevistamos 20 pessoas, 11 mulheres e nove homens, com idades entre 24 e 69 anos. Três se autodeclararam negros e 17, brancos. Todos eram moradores do Rio Grande do Sul. Quatro assistiram apenas a reprise, e o demais, as duas versões.

6 As buscas foram feitas a partir das seguintes *hashtags*: #laços de família 07/09/20, #laços de família 08/09/20, #laços de família 09/09/20, #laços de família 10/09/20, #laços de família 11/09/20, #laços de família capítulo 3, #laços de família capítulo 5, #ValeAPenaVerDeNovo e/ou #LacosDeFamília, #ManoelCarlos e/ou #Maneco.

7 Buscas realizadas por meio das *hashtags* #laçosdefamilia e #clubedomaneco.

8 Apesar da popularidade do *Instagram* na atualidade, os dados gerados em relação ao objetivo desta pesquisa foram pouco expressivos.

O roteiro de entrevistas foi elaborado com base na repercussão da trama nas mídias sociais, na crítica especializada e apropriando-nos dos “marcadores sociais das diferenças” (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011), considerando cinco temáticas: relações de gênero e sexualidade, maternidade, etarismo, racismo e relações de classe. As entrevistas foram realizadas em áudio ou vídeo⁹, entre 25 de março a 10 abril de 2021, período em que a reprise da telenovela chegava ao final.

Transcritas as entrevistas, foi realizada uma leitura flutuante (BARDIN, 2011) com a finalidade de identificar como os telespectadores se apropriam das temáticas mobilizadas no contexto atual. A partir dessa leitura, trechos selecionados das entrevistas foram submetidos ao *software* de análise qualitativa Iramuteq, versão 0.7, para, a partir daí, voltar às entrevistas e discutir como os telespectadores se apropriam de temas presentes na trama no atual contexto.

Primeiramente, em relação ao hábito de assistir à telenovela no período da pandemia, alguns retomaram o hábito de assistência ao terem suas rotinas de trabalho deslocadas ao ambiente doméstico. É o caso do entrevistado I (36 anos): “Provavelmente, se não fosse pela pandemia não teria assistido a reprise da novela. Foi por causa do *home office* que passei a ver mais TV”. A TV ligada em casa, como parte da rotina, estimulou a assistência da trama, o que já não acontecia: “Fazia uns três, quatro anos que eu tinha tirado a TV da minha vida.” O aumento no consumo de reprises também foi identificado, inclusive como um escape do contexto da crise sanitária, como aponta o entrevistado G (38 anos): “Foram uma válvula de escape. Eu tenho olhado bem mais do que antes quietinho com a TV ligada”. Por outro lado, o excesso de reprises afastou alguns espectadores (poucos entrevistados), que optaram por consumir mais séries em serviços de *streaming*, como conta a entrevistada E (50 anos): “Acabei assistindo menos novelas, acho que é porque tem muita reprise no horário das novelas... eu também tenho visto menos TV aberta, tenho assistido mais a séries no Netflix”.

Há ainda entrevistados que já assistiam *Vale a pena ver de novo* e não tiveram seus hábitos de assistência das tramas alterados, porque a pandemia não afetou, de forma substancial, suas rotinas. É o caso da entrevistada L (33 anos): “Sempre tive o hábito de assistir e trabalhar em casa já há um bom tempo. Então, tenho o costume de trabalhar com a TV ligada e nesse horário que começa o *Vale a Pena*

9 Devido às orientações de prevenção à Covid-19, as entrevistas foram todas realizadas remotamente.

java, aquela coisa assim... até de ciúme né? [...] que hoje é visto diferente”. Ainda relacionado à questão de gênero e sexualidade, o tema prostituição e a relação de opressão entre a garota de programa Capitú e o machista Orlando (Henri Pagnoncelli) foram lembrados pelos entrevistados.

A maternidade surge especialmente na relação entre a personagem Helena e a filha Camila. Alguns dos entrevistados entendem essa como a temática principal da novela e criticam a relação das duas, especialmente no que se refere aos sacrifícios que a mãe faz pela filha. Quando questionada sobre quais temáticas faziam sentido em 2000 e agora já não fazem mais, a entrevistada L (33 anos) destaca o tratamento da relação materna: “Uma questão que, não que eu não ache importante, mas acho que não seria retratado da mesma forma [...] é essa coisa da mãe se anular ou abrir mão de algo pela filha, que na época achava muito natural”. Ao observar o triângulo amoroso que se estabelece entre Helena, Camila e Edu (Reinaldo Gianecchini), a entrevistada H (37 anos) analisa que, nos anos 2000, havia uma percepção de culpabilização da mulher pelo “roubo do namorado da mãe” e que hoje seria diferente, com o questionamento: “Mas por que tão culpabilizando só a mulher? E o macho dessa relação aí?”

A questão da diferença de idade perpassa a relação entre os personagens Helena e Edu. Os informantes destacam que, na época em que a novela foi ao ar pela primeira vez, o preconceito a romances entre uma mulher de pouco mais de 40 anos com um jovem recém-formado seria maior do que hoje em dia. A entrevistada Q (63 anos) expressa: eu acho que isso aí agora tá bem mais tranquilo com relação tanto homem com mulher, como mulher e homem. Eu acho que esse assunto tá bem mais light”.

De modo geral, os entrevistados entendem que, apesar de ainda haver muito machismo, as mulheres alcançaram muitas conquistas na sociedade. Quando questionados se essas mudanças são representadas nas telenovelas, a percepção é que as tramas têm acompanhado sim essas transformações. A entrevistada E (50 anos) argumenta: “hoje a gente vê nas histórias das novelas mulheres que são muito batalhadoras, mulheres que são inteligentes, ricas, que têm os seus negócios, as suas empresas, que estão em cargos de liderança”. Já o entrevistado N (31 anos) afirma: “Provavelmente ainda deve ter misóginos hoje em dia sendo retratados na mídia, mas eu acho que de uma certa maneira as coisas têm progredido”. Essa percepção de mudança na representação das mulheres nas telenovelas,

Já a diferença entre classes sociais é apontada na trama, especialmente em relação às empregadas domésticas. A entrevistada L (33 anos, negra) lembra da disparidade entre as classes, não tanto em relação ao poder aquisitivo, mas ao tipo de conteúdo dos diálogos nos diferentes cenários sociais: “na casa da mãe da Cíntia tem uma empregada que sempre que tá rolando um assunto ela lembra de uma tragédia (risos), e aí a mãe da Cíntia diz: ‘nossa, onde tu mora só tem tragédia?’”. A resposta da empregada seria “sim, infelizmente é a minha realidade! [...] Então, soa como uma realidade paralela dos donos da casa”.

Parte dos entrevistados acredita que, desde a primeira exibição de *Laços de Família*, a representação do racismo nas telenovelas mudou. É o que comenta o informante F (44 anos, branco): “Eu acho que as novelas vêm acompanhando as discussões que a sociedade vem promovendo sobre racismo. E especificamente nas novelas, eu noto uma maior participação de personagens negros, ainda que de forma tímida”; e da entrevistada J (36 anos, negra): “Pô, mudou tudo. Antes não se enxergava, agora se enxerga. Há 20 anos atrás sofria racismo toda hora e não identificava. Agora eu identifico”. Nesse sentido, as mudanças observadas no debate político do país, especificamente em relação ao racismo, teria passado de algo “invisível”, que não se percebia, para algo “visível”.

Considerações finais

Em termos da estruturação de sua narrativa, *Laços de Família* possui elementos técnico-estéticos tributários do período de sua realização, e sua exibição atual não ocorre sem distorções originadas das necessidades técnicas de redimensionamento. No entanto, é no âmbito da sua adaptação aos anos 2020 que a trama sofreu mais ajustes, com alterações na sequência e exclusão de algumas cenas, destacadamente envolvendo o personagem Pedro, alvo de discussão nas redes sociais digitais e entre os entrevistados devido ao comportamento machista. Tais mudanças evidenciam um movimento no âmbito da produção para se ajustar às transformações da agenda brasileira sobre as relações de gênero (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011).

A circulação e as apropriações da trama nas redes sociais indicam as novas formas de consumo televisivo, as quais são moldadas pelas especificidades das plataformas em que ocorrem. O Twi-

ter, por exemplo, mantém-se como plataforma preferencial para comentar sobre a telenovela, prática que pode ter se intensificado no contexto da pandemia, considerada a elevação do acesso a redes como essa. Novamente, as relações de gênero ganham destaque como objeto de discussão, em especial o comportamento de Pedro, mas também outras situações de assédio.

As entrevistas possibilitaram aprofundar a compreensão das dinâmicas de apropriação dos informantes. Primeiramente, cabe apontar a dificuldade em encontrar telespectadores com mais de 24 anos de idade que não conhecessem a versão original, uma vez que a assistência contemporânea parece ser motivada, em muitos casos, pela experiência de recepção anterior. A assistência da reprise é motivada pela memória afetiva, que instiga o telespectador a resgatar sua própria história ao ter contato com a trama (LOPES, 2014).

Temas atrelados à condição da mulher na sociedade foram mencionados, especialmente relacionados à maternidade e ao etarismo, havendo comparações frequentes entre o que era aceito 20 anos atrás e já não seria tão facilmente hoje. No entanto, se o estranhamento em relação às representações da mulher na trama foi evidente, o mesmo não é possível afirmar sobre o racismo. Os informantes declararam ou não lembrar da presença do tema raça ou considerar que não foi abordado de forma explícita, fomentando uma discussão ou denúncia. Quando mencionado, o tema foi associado a relações de classe, na situação patrão-empregada. Essa invisibilidade dialoga com o que aponta Schwarcz (2011, p. 437) sobre a permanência de um tipo particular de racismo “silencioso e ambivalente”, no qual persiste “um discurso que tende, senão negar, ao menos a minorar a importância e a evidência do racismo entre nós” (SCHWARCZ, 2011, p. 436). No entanto, os informantes percebem, no contexto contemporâneo da teledramaturgia, que esse tema adquiriu maior visibilidade.

Ao ser reapresentada, *Laços de Família* traz à tona conflitos sociais e experiências cristalizados no Brasil do início do século XXI, hoje percebidos diferencialmente, considerando as mudanças na agenda brasileira. No entanto, isso não ocorre da mesma forma para todos os temas. O racismo, especialmente, é pouco percebido pelos informantes, o que alude à própria dinâmica estrutural do problema, vincado pela naturalização das desigualdades.

Referências

AGRELA, Lucas. WhatsApp cresce até 76% por causa do coronavírus. **EXAME.COM**, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/whatsapp-cresce-ate-76-por-causa-do-coronavirus/>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

ALVES, Clarice Greco. **TV Cult no Brasil** – memória e culto às ficções televisivas em tempos de mídias digitais (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Agenda Brasileira**. Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

CONTEÚDOS de TV e VOD que mais agitaram seu feed, Os. **Kantar Ibope Media**, 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/os-conteudos-de-tv-e-vod-que-mais-agitaram-seu-feed>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CORREA, Mariza. Gênero, ou a pulseira de Joaquim Nabuco. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Agenda Brasileira**. Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

DEBERT, Guita. Metamorfoses da velhice. In BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Agenda Brasileira**. Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

DEBORAH Secco cria o #JudasDay nas redes sociais, por conta da cena de 'Laços de Família'. **GSHOW**, 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/noticia/deborah-secco-cria-o-judas-day-nas-redes-sociais-por-conta-da-cena-de-lacos-de-familia.ghhtml>. Acesso em: 30 jul. 2020.

EM meio à pandemia, novelas repetidas são campeãs de audiência. **Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/casual/em-meio-a-pandemia-novelas-repetidas-sao-campeas-de-audiencia/>. Acesso em: 12 set. 2021.

FARAD, Daniel. Reprise de Laços de Família choca com Brasil selvagem dos anos 2000. **Notícias da TV**, 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/reprise-de-lacos-de-familia-choca-com-brasil-selvagem-dos-anos-2000-42173>. Acesso em: 12 set. 2021.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Desigualdade e diversidade: os sentidos contrário da ação. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Agenda Brasileira**. Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

JACKS, Nilda *et al.* Passione e Avenida Brasil: produção crossmídia e recepção transmidiática? In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

JACKS, Nilda *et al.* Telenovela em redes sociais: enfoque longitudinal na recepção de três narrativas. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

JACKS, Nilda *et al.* Telenovela e memória: “Vale a pena ver de novo?”, reprises em tempo de pandemia. **Rumores**, n. 28, v. 14, jul-dez 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LAÇOS de Família. Autoria de Manoel Carlos. Direção de Ricardo Waddington. Rio de Janeiro: TV Globo, 2000-2001. son, color., telev.

LAÇOS de Família bate recorde de audiência em última semana de exibição. **Folha de Pernambuco**, 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/lacos-de-familia-bate-recorde-de-audiencia-em-ultima-semana-de/178556/>. Acesso em: 12 set. 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Memória e identidade na telenovela brasileira. In: **Anais da Compós XXIII**. Belém: UFPA, 2014.

MEMÓRIA GLOBO. **Vale a Pena Ver de Novo**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/exclusivo-memoria-globo/projetos-especiais/vale-a-pena-ver-de-novo/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

REPRISES trazem novamente à TV o jeito Manoel Carlos de contar histórias. **Isto É**, 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/reprises-trazem-novamente-a-tv-o-jeito-manoel-carlos-de-contar-historias/>. Acesso em: 12 set. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil: quando inclusão combina com exclusão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Agenda Brasileira**. Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

SILVA, Joana D'Arc de Nantes. **Ver e rever**: um estudo sobre a reassistibilidade de telenovelas mexicanas no Brasil (dissertação de mestrado). Niterói: UFF, 2018.